

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.**	Semest. 18 n.**	- m	N.* a entrega
Portugal (franco de porte.m.forte)	4.4000	18900	\$950	\$120
Possessões ultramarinas (idem)		28000	-8-	-\$-
Extrang.(união geral dos correios)		28500	-8-	-\$-

14.° ANNO — VOLUME XIV — N.° 435

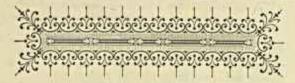
21 DE JANEIRO DE 1891

REDACÇÃO-ATELIER DE GRAVURA-ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA T. DO CONVENTO DE JESUS,

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.





CHRONICA OCCIDENTAL

Relacionam-se estreitamente com a Africa, - a grande e permanente preoccupação que ha um tempo domina Portugal, e que deveria tel-o sempre dominado—os dois acontecimentos mais notaveis d'estes ultimos dez dias:—a chegada de Azevedo Coutinho e a partida da expedição para Mocambique.

Moçambique,
Azevedo Coutinho, que não temos o prazer de conhecer pessoalmente, é um rapaz muito novo ainda, destemido e audaz, que um acto de valen-

ainda, destemido e audaz, que um acto de valentia energica encheu de gloria em Chiloma.

O paiz que recebera com alvoroço e com enthusiasmo a noticia d'esse acto, cuja audacia triumphante lhe recordou os feitos heroicos dos antigos portuguezes, que illustram as paginas mais
gloriosas da nossa historia, fez a Azevedo Coutinho uma recepção brilhante, acolheu-o como a um
triumphador, e essa recepção e esse acolhimento
ao mesmo tempo que eram uma homenagem jusao mesmo tempo que eram uma homenagem jus-tissima ao valente marinheiro, foram uma affirmação eloquente do patriotismo portuguez, do en-thusiasmo, da vitalidade que a questão africana despertou finalmente na grande alma nacional

Esse enthusiasmo, essa vitalidade demonstrou-se tambem d'uma maneira notavel e evidente na partida da expedição que vae para as terras da Africa não para conquistar novos territorios, mas para manter e defender as nossas velnas conquistas, que a ambição ingleza tão gravemente tem

A partida d'essa expedição foi um verdadeiro acontecimento patriotico e o Tejo apresentou n'esse dia um aspecto novo para nos, um aspecto desusado, que nos fez pensar nas discripções que as velhas chronicas fazem da partida das antigas expedições em que os portuguezes iam á conquista

dos mares nunca d'antes navegados.

Foi um espectaculo magestoso, imponente, commovedor, esse que Lisboa presenceou no dia 15 e d'elle encontram os nossos leitores noticia mi-nuciosa n'outro logar do Occidente: nos aqui apenas queremos registar esses dois acontecimen-tos tão nacionaes e tão brilhantes, que assignalam d'uma maneira notavel o mez de Janeiro de 1891 —esse mez que no anno findo foi tão dolorosa-mente assignalado na historia patria pelo ultrage do ultimatum: —a partida da expedição para a Africa, e a chegada do brilhante heroe do Chiloma João d'Azevedo Coutinho.

Esse terrivel mez de Janeiro de 1890 deixounos de si bem tristes e bem lugubres recordações nos de si bem tristes e bem lugubres recordações e como que para provar a verdade indiscutivel de que uma desgraça nunca vem só, a desgraça do ultimatum coincidiu com outras duas desgraças, que por serum de genero differente não deixaram de enluctar também a patria, e enluctaram tristemente o nosso coração; — a morte de Francisco Palha e a morte de Julio Cesar Machado.

E juntaram-se quasi que no mesmo dia esses tres lugubres acontecimentos.

O ultimatum foi no dia 11, mas o publico só teve d'elle noticia no dia 12; um domingo radiante de sol, quando os jornaes da manhá publicaram a terrivel noticia.

Nos preoccupados tristemente com a morte de Francisco Palha com a perda d'esse querido amigo e d'esse glorioso confrade, nem lêmos de manhã os jornaes e todo entregue a nossa dor fomos acompanhar á sua ultima morada o pobre Francisco Palha, a quem estremeciamos como a um irmão adorado.

Ao jantar, quando estavamos contando a um amigo intimo e grande medico, que jantava em nossa casa, os promenores da doença de Francisco Palha, que nos surprete a de la todos com a morte, quando annunciava já a convalescença, en-trou-nos pela porta dentro a *Tarde* com a mais inesperada e a mais assombrosa das noticias—a da tragedia medonha da Travessa do Moreira, a do suicidio profundamente dramatico e myste-rioso de Julio Cesar Machado, outro nosso estre-mecido amigo, outro nosso collega illustre, cuja gloria triumphante era uma das mais risonhas glorias da litteratura portugueza.

Ficámos como que fulminados pela noticia d'essa assustadora e imprevista catastrophe.

E apenas acabámos de jantar sahimos á procura da explicação d'essa demora inexplicavel, d'informações mais intimas e mais precisas, do que aquellas que a Torde dava

mações mais intimas e mais precisas, do que aquer-las que a Tarde dava.

Tinhamos camarote em S. Carlos.

Quando lá chegâmos estava-se em meio do
primeiro acto da opera—que era, se a memoria
nos não faiha— A Estrella do Norte.

Esperâmos pelo intervallo para sabermos noticias, e apenas o pango cabiu sobre esse 1.º acto,

cias, e apenas o panno cahiu sobre esse 1.º acto, descemos ao salão á procura de informações acerca da sinistra tragedia de que fóra auctor e protogonista ao mesmo tempo o alegre Julio Cesar

protogonista ao mesmo tempo o alegre Julio Cesar Machado, o brilhante folhetinista, que tanto alegrára as lettras portuguezas com o seu espirito tão original, tão expontaneo, tão característico.

Quando chegámos ao salão havia n'elle uma agitação desusada. Aproximamo nos de varios grupos com a nossa pergunta engatilhada, pensando que toda aquella gente que tallava e que discutia com tão anormal vivacidade, fallava da tragedia que nos preoccupava a pos

que nos preoccupava a nos.

E com grande espanto vimos que ninguem fallava n'isso! Era outro o assumpto de todas as conversações, era outra a preocupação que dominava todos os espíritos.

Esse assumpto, essa preocupação era o ultima-tum de lord Salisbury e as manifestações que corriam as ruas.

O que era aquillo?

Para nos que n'esse dia não tinhamos lido os jornaes, que ha uma semana preocupados com a doença de Francisco Palha, não tinhamos pensadoença de Francisco Palha, não tinhamos lido os portas de Francisco Palha, não tinhamos pensado pen do n'outra coisa, era uma completa novidade o

E quando nos principiaram a contar o que era, entrou pelo theatro dentro uma grande onda de gente dando vivas á Patria, morras ao governo e morras á Inglaterra!

E foi assim que para nos esses dois tristissimos acontecimentos—o ultimatum o e sucidio de Julio Cesar Machado, se juntaram no mesmo dia d'outro acontecimento profundamente doloroso—o enterro de Francisco Palha—no terrivel dia 12 de janeiro.

Os artistas do theatro da Trindade, theatro de que Francisco Palha foi o iniciador e director, ar-tistas de quem elle foi durante toda a sua vida o amigo disvelado commemoraram o primeiro anniversario da morte do seu illustre e chorado empre-zario, com umas exequias solemnes na egreja do Loreto, exequias que foram muito concorridas e que tiveram uma imponencia e ao mesmo tempo um aspecto profundamente commovedor, que em raras exequias temos visto e que prova quanto Francisco Palha era justamente querido, quanto a sua memoria é estremecida por todos, quanto a sua falta é por todos sentida, hoje como no primeiro dia,

O templo estava todo armado de lucto, mas não era só nos crepes que ornavam o magestoso cata-falco, e que pendiam á porta da egreja que havia o lucto: havia o no rosto de todos que assistiam a essa piedosa cerimonia, havia-o nas lagrimas que vimos em muitos olhos.

Sobre a eça, via-se, coroado pela gloria, um ma-gnifico retrato de Francisco Palha, que pela sua extraordinaria parecença produzia uma impressão

As exequias assistiram alem da ex.= familia de Francisco Palha, todos os actores, actrizes e pes-soal do theatro da Trindade, munos homens de lettras, funccionarios publicos, amigos intimos do chorado morto, que encheram completamente o templo.

Francisco Palha era bem digno e bem merecedor d'esta imponente homenagem de sympathia e de respeito à sua querida memoria, d'essa nota-bilissima manifestação de duradoura saudade pela

sua irreparavel perda.

E decorrido um anno, nós com o mesmo sentimento profundo com que viemos aqui no dia da sua morte, prestar o nosso preito ao grande lute-rato, que as lettras portuguezas perdiam e ao rato, que as lettras portuguezas perdiam e ao grande amigo que a morte nos levava para o tumulo, vimos hoje commemorar o primeiro anniversario de Francisco Palha, depôr uma humilde saudade sobre a sua cova.

Gervasio Lobato.

BULHAO PATO

(Continuado do n.º 434)

Dois homens de superior engenho escreveram demoradamente da Paquita: Alexandre Her-culano e Rebeilo da Silva. Ambos nos disseram que o poema immortal do poeta — era a se-quencia dos poemas romances, que illustraram a Italia, desde os Orlandos de Boiardo e do divino Ariosto até o Ricciardetto de Fortiguerra. Assim, que pertence a essa escola italiana, que sabia bor-dar o matiz da vida real com suprema ver-dade na tela das creações mais phantasticas, rindo e chorando no mesmo canto e até na mesma estrophe, antes que Shakspeare risse e cho-rasse no mesmo acto. N'elle se encontram, con-soante Rebello da Silva — vislumbres, recorda-ções, por certo, da musa independente, estouvada, vagabunda de Musset, o gume frio e cortante da ironia mordaz da alma inconsolavel de Byron, e a sombria interpretação del Diablo Mundo de Espronceda.

Com effeito: o seculo xvi, a que pertencem os Com eneito: o seculo xvi, a que pertencem os poemas citados por A. Herculano, e tambem os que trouxe para a sua critica o illustre Rebello da Silva, — produzio e ficou celebrado em composições poeticas, exuberantes de paixão, devaneio e ironia; o que tudo era o resfolegar alegre, expansivo e truanesco do seculo, que saía das dores apertadas e cruciantes da meia-edade. Era a epocha d'esta feição em todas as suas obras de maravilha, que, pelo serem, formaram o cyclo extraordinario da renascença. Quem se não lembra ainda n'esta hora d'aquelle divino Corregio, que, accedendo aos rogos, talvez mesmo ás ins-tancias de uma espirituosa e interessante abbadessa, Joanna, filha de Marco de Piacensa, fidalgo de Parma, lhe pintou no convento de S. Paulo, que ella dirigia, e na propria alcova d'aquella mulher formosa, alguns frescos da mythologia pagă, cujo olympo a renascença ia trazendo a lume? Quem se não lembra d'elle ao fallar do seculo xvi, e mais também d'aquelles directo-res espirituaes e temporaes das differentes communidades monasticas, que mandaram, de sua custa, pintar oratorios mythologicos, alegres estancias, risonhos quadros decameronicos, onde elles, abbades e abbadessas, furtando-se a cuidados e a jejuns, aligeiravam o tempo, pascendo olhos a essurito na contemplação de scenas em olhos e espirito na contemplação de scenas, em que voluptuarias imagens, harmoniosas na pureza das linhas, os consolavam de suas tradicções asceticas, que lhes eram prescriptas pelos dogmas austeros do Crucificado? Quem se não lembra? E de que o breviario d'elles e d'ellas era um Ovidio, o bom Virgilio, ou o risonho Homero; e que o seu rosario, em vez de contas, se compunha de medalhas antigas ?! Os poemas de então, taes os que cita Herculano e Rebello da Silva, todos tracejados e concluidos n'este accordar do seculo cejados e concluidos n'este accordar do seculo para os prazeres humanos, e gulosos d'elles, como quem nutre ainda receios e médos pela sombra austera do claustro — todos, é certo riem e choram na mesma estrophe, e dos mysticos abandonos se prazem na cor, no sol, nas graças da formosura, que ahi, n'esses poemas corre riscos grandes e aventurosos amores, que o seculo, farto do padecer medieval, agradece como um regresso á boa mãe natureza, de onde não ha fugir, sem boa mão natureza, de onde não ha fugir, sem nevrose ou doença grande, — a que, escriptores e pintores, deram remedio em suas telas e poe-

Certamente assim foi : e tudo isso se encontra n'aquellas paginas dos cantos da Paquita, onde a consuleza vae á missa e canta malagueñas! 1 Mas,

' Por ser de subido preco, aqui transcrevemos a mala-gueña cantada por uma das heroinas do poema:

Quando salo de tarde, e a fresca aragem Me da na roupa, Sou como a barquinha a vella Que vae seguindo viagem De vento em pópa

Depois, se o vento,
Ao voltar subito a esquina,
Vem mais violento,
Quem passa e vé
Baixinho me diz. — «Menina,
Que lindo pe]s

Córada sigo;
Nem sequer olhos levanto
Para ninguem;
E, quando vem
O vento mais sacudido,
Prendo e reprendo o vestido;

Mas sempre alguem
Me diz que vé
Distinctamente o pésinho...
Quando não é
As vezes um bocadinho...
Além do pé!...

mais avisado nos parece Rebello da Silva, quando, por não commetter erro, sem arredar a observa-ção do mestre, conclue pela naturalisação roman tica do poema, dando-lhe por testemunhas do berço, a Byron a Musset e a Espronceda. Sim, estes foram os seus amigos de creação, sem que se perdesse a individualidade do auctor, que, nascido na patria de Calderon, das Hespanhas é assaz informado, pois mesmo longe da infancia ahi passou largos dias e no trato intimo de homens illustres, cujo idioma o poeta fala com graça. Mas, como quer que seja, a Paquita, producto de uma intelligencia meridional, dispensa genealogias para sua recommendação. É, em verso portuguez, o que o barbeiro de Sevilha é na musica Italiana: — O romance da mocidade; e este ha de sempre aquecer de iriadas e vivas saudades os gelos, as cans, e as estreitezas da velhice Assim elle se nos recommenda; e o seu proposito, me lhor e mais cabalmente será cumprido, quando o poeta nos trouxer os dez cantos, que já tem completos do seu trabalho, que elle diz modestamente ser o ultimo lampejo de sua vida já tão laboriosa,

III

Em verdade, depois d'aquelle poema, onde Herculano encontrou poesia, naturalidade e senso commum, é constante, indefeso, o trabalho do il·lustre escriptor. Não menos de 18 volumes deu á estampa até 1888; dos quaes alguns em prosa, e os restantes na forma elegante de seus versos. Em 1867 publicou as Canções da Tarde, cuja edição e extincta; em 1870 as Flôres Agrestes; em 1873 os Cantos e Satyras; em 1881 o Mercador de Veneza e o Ruy Blas; e por eltimo as Satyras, Canções e Idyllios.

Estes livros, entresachados de paginas de memorias e outras publicações de menor tomo, d'elles

Estes livros, entresachados de paginas de memorias e outras publicações de menor tomo, d'elles
agora nos occuparemos, por só escutar os accordes da lyra do poeta. Em todos se revella o seu
primoroso talento. Ha ahi versos prestigiosos, a
descreverem as paizagens da Biscaia e as da Beita, escorços de cêrros e presbyterios, trovoadas
no lar e nas montanhas, onde o sol vem raiando
apoz o combater das nuvens e das paixões. Outros são satyras; o maior numero se poderiam
chamar, doloras: — recordação de um prazer,
o amargo do um soffrimento; muitos são lances o amargo do um soffrimento; muitos são lances cumpridos da existencia. Se os dias voando lhe carregam a sombra e dão corpo á desillusão, ainda nos encantam, porque enfloram o coração morto, que passa no esquife das saudades. Quem chega aos annos ridentes, os da juventude perferencia de posta escripto id renne, e encontra un livro de poeta, escripto já n'esta razão, e, n'uma ou n'outra pagina, ou em todas fazendo chronica de penas e tristezas, — começa de acoimar de chorão o auctor, e conclue por fechar esse livro, que não corresponde ao por fechar esse livro, que não corresponde ao ardimento de suas esperanças, tão naturaes á força do sangue novo. Volvidos, porem, os tempos, é quando a experiencia espança a illusão, e a materia se sobrepõe ao espirito; é quando a realidade veste mortalha ás esperanças, e os abrolhos ensanguentam a pomba, — é então que advem o rehabilitar do poeta, que mesmo ahi souhe encontrar para o queixume e protesto humano, aquella forma immortal, que até nos revezes e soffridos contratempos, nos demove pela sua harmonta. E logo tem preço o livro, que se nos antolhava sentimental e rethorico, e ora é lenitivo, consolo e balsamo. Nem cuido eu seja outra a missão dos que tangem da mandora nas cordas, missão dos que tangem da mandora nas cordas, como diria Castilho, — senão vestir de côres, flóres e da descorada melancolia, os desalentos dos homos de la companio del companio de la companio de la companio del companio de la companio de homens, os do seculo, e até os seus interesses, e até os seus egoismos, e até os seus interesses, e até os seus egoismos, e até as suas paixões. Lamartine appellidou a poesia vindoura de — a ração cantada. Mas, está-nos parecendo, o Cesar da illusão não diria bem; antes nos queremos com aquelle affirmar de Ruiz Aguilera: — la ciencia rimada es pajaro de vuelo bajo y torpe, y que munca lograra escalar las altas cimas donde tenen su nido las aquilas.

Sim, o poeta não faz sciencia, permitta-se nos

Sim, o poeta não faz sciencia, permitta-se-nos Sim, o poeta não faz sciencia, permitta-se-nos o gallicismo; o que lhe cumpre, não raro, é castigar com a satyra. Na região dos espiritos, aonde se ergue, ahi, tão somente vê as mas paixões, os vicios e os trêdos artificios dos humanos, para os expôr ao escarmento de todos, ou ao seu castigo. Raymundo de Bulhão Pato, robustecido n'aquella escóla — a da Ajuda, de protesto e combate contra prejuizos e sombras de um passado, que não queria morrer, é verdadeiramente grando, que não queria morrer, é verdadeiramente grando. do, que não queria morrer, é verdadeiramente gran-de, e mestre, quando indignado. Então, a alma do illustre morto que elle frequentou, apparece lhe ; e, como o pae do principe da Dinamarca, diz a seu filho: — Lembra-te. D'ahi as satyras. Em todas as do poeta, maxime nas ultime das de 1888, realçam os versos por sua correcção, por sua lin-

guagem vernacula, pela indignação da sua poesia. Revelam desde logo, um Juvenal, quando em 1874 apenas mostravam um Aristarco. O espirito invisivel dos espíritos, sente-se commovido, ao ver pas-sar aquella procissão do egoismo, do fanatismo e das deformidades sociaes, que o poeta, voz em gri-ta, vae enumerando e leva de rastos ao tribunal da opinião. A taes gestos, alvorotos, gritos, persen-te-se que na ordem moral algo se quebrou. Pre-cipitam-se os passos, ao conclamar que vem da sombra. Apunhalaram ahi alguem, alguma cousa? Certamente : orre-se, e encontra-se um cadaver, ainda formoso na morte — é o da justiça! Lêde

as satyras de 1888. Todos os poetas da peninsula teem sido bata-lhadores. Andaram na guerra, quando essa era a occupação que mais ennobrecia os homens; depois na politica, batalha tambem, que veiu sobrepor-se à guerra, e que exalta aos que n'ella entram, e conseguem assignalar-se. Bulhão Pato não militon, nem politicou; não andou na milicia, nem na poli-cia. Na batalha, porém, o viram, pois não raro do pulpito lhe acertaram duestos, e na vida civil aza-gaiadas que lhe feriram o melindre, ou azedaram o animo, deixando o inquieto em noites mal doro animo, deixando-o inquieto em noites mal dormidas. Elle, não obstante, sempre foi prestes na defeza, e certeiro na resposta, escalavrando com satyras os ousados, que o defrontaram. Ainda esta por vir o dia, em que o triumpho ou o riso fossem os despojos opimos dos contrarios. É certo que alguns dos castigados não foram ao seu arraial doestal o á pugna. Mas, poeta, não raro sentiu que as iras de Juvenal são de consolo e virtude, porque não so a sanceão das leis castina os malporque não só a sancção das leis castiga os mal-feitores, e casos ha, em que a lei, fundamentada em factos positivos, não abrange as maldades moraes, que as vezes em alturas eminentes, por isso mesmo são espelho e exemplo de ingenuos e igna-ros. Então o delinquente pertence á alçada do poeta; e a pena, que demove o riso ou indigna-ção, encontra o acceitamento publico, e é tanto mais duradoura, quanto a sua forma harmoniosa, entretecida de paixão, fica na lembrança, como as leis antigas, que os gregos fizeram em verso para serem mais facilmente decoradas. E nas sapara serem mais iaclimente decoradas. E has sa-tyras que se revela o poeta combatente; é alli a sua arena política, pois interessa a todos os cida-dãos; alli a sua missão do homem publico. Quan-do ámanhã o poeta descer ao tumulo, todos virão testemunhar, que elle pagou o seu tributo de cidadão, concorrendo para o bem da communidade, com suas accusações satyrisantes, que, se não tolheram o passo a vicios e malfeitorias, pelo menos obrigaram á continencia os reus citados, e a sentença de censura o tribunal da opinião, ante

(Continua),

o qual elle fez subir os processos.

Conde de Vallenças



AS NOSSAS GRAVURAS

OCTAVIO FEUILLET

A nossa ultima chronica referiu-se largamente no grande successo que em tempo Octavio Feuillet, o grande escriptor que a França acaba de perder, teve em Portugal já como romancista já como auctor dramatico.

Dando hoje o retrato do eminente litterato francez, vamos acompanhal-o d'algumas notas biographicas e para isso tivemos a boa sorte de encontrar acerca da sua mocidade e dos seus primeiros passos na carreira litteraria uma especie de auto biographia, escripta pelo proprio auctor do Mr. de Camors e do Roman d'une jeune homme

as minhas predilecções litterarias senão na medida d uma prudencia legitima e sempre sob a forma mais affectuosa. Desde que elle poude acreditar que eu acharia na satisfação d'essas minhas predilecções uma carreira honrada, fez-se meu confidente e meu conselheiro litterario com uma misura de ternara e de severidade de que me mistura de ternura e de severidade de que me não posso lembrar sem uma commoção profun-

da. Eu adorava-o.

« A sua perda e a de meu filho, que se deu pouco depois, fizeram-me, no meio d'uma vida, geralmente feliz, um fundo de tristeza que creio durará tanto quanto eu durar.

« No collegio eu tinha fundado um jornal onde escrevia romances. Como todos nós, rabisquei muitas paginas obscuras e que mereceram perfei-tamente sel-o, antes de chegar ao publico.

«A minha primeira peça foi o Bourgeois de Ro-e, pequena comedia ligeiramente assobiada no me, pequena Odeau em 1846.

« A segunda foi l'echec et mat em collaboração

com Paulo Bocage, e que teve exito no mesmo theatro.

« O meu pequeno romance Onesta, appareceu na Revue neuvelle, dirigida por Eugenio Forcade.

* No anno seguinte comecei a escrever na Revista dos Dois Mundos, onde publiquei sucessivamente: Alix, le Pour et le contre. ta Crise, Bellah Dalila, Redemption, le Village, le Roman d'un jeune homme pauvre, etc.

* A Crise loi o primeiro dos meus proverbios de la pesto em scena.

que foi posto em scena.

» Fui condecorado em 1854, por proposta do sr. Hypolito Fortoul, ministro da instrucção publi-ca, e promovido a official em 1863.»

E como se receiasse ter dito de mais n'esta no-ticia, tão simples e tão modesta, o illustre escrip-tor como que incommodado por esta confiden-

cia, acrescenta logo:

« Acho tão excessivo o que faço n'este momento, apesar de o fazer a seu affectuoso pedido, que

peco-lhe licença para ficar por aqui. •
Esta carta com estes apontamentos era escripta em 1880 e o grande litterato passava em silencio

em 1880 e o grande interato passava em suencio quasi todas as suas obras.

A lista d'essas obras é a seguinte:

Le Grand Vicillard — o seu primeiro romance — publicado aos 23 annos — em folhetins no National de 1845, escripto em collaboração com Paulo Bocage e Alfredo Aubert sob o pseudony-mo commum de Desiré Hazard; le Bourgeois de Roma comada, 1846, Palma, drama em 5 a de Roma comada, 1846, Palma, drama em 5 a de Paulo Bocage e Alfredo Auhert sob o pseudonymo commum de Desiré Hazard: le Bourgeois de Rome, comedia, 1846. Palma, drama em 5 actos com Paulo Bocage, e que se deu ha poucos annos em D. Maria, sem successo, com o titulo Sexta feira Santa; le Vieillesse de Richelieu, comedia em 5 actos; Scenas e Proverbios (Redempção, Crise, Partida de Damas, A aldeia, Dalila, O cabello branco) le pour et le contre, la Feé. l'urne, Alix, ia clef d'or (que foi arranjada para o theatro por João Ricardo Cardoso e representada na Trindade por Emilia Adelaide e Tasso) York, Peril en la demeure, la Petit comtesse, le Roman d'un jeune homme pauvre, Sybille, la Tentation, Redemption, transformada em peça depois de 11 annos de publicada nas Scenas e Froverbios, Montjoie, la Belle au bois dormant, Mr. de Camors, le Cas de conscience, Julie, Acrobate le Sphnis, Julia de Trecœur, Un mariage dans le monde, les amours de Philippe, le Journal d'une femme, les Portraets de la marquim, la Veuve, le Voyageur, la Mort, Un raman parisien, Chamillac, le Divorce de Juliette et l'Honneur d'artiste, a sua ultima obra e de que estava tirando um drama quando a morte o surprehendeu.

Octovio Femillet in compietar fo annos de edade. morte o surprehendeu.
Octavio Feuillet ia completar 69 annos de edade,

pois nascera em 11 de agosto de 1822 em Saint

Era academico desde 26 de março de 1862 em que fóra eleito para a cadeira vaga pela morte de Scribe.

A EXPEDIÇÃO MILITAR A MOÇAMBIQUE

No dia 15 do corrente partiu para Moçambique, a bordo do Malange, o primeiro turno da expe-dição militar composta do regimento de infanteria n.º 1 e de contingentes de artilheria e engenheria.

Como se sabe estas forças militares vão occu-par a provincia de Mocambique e districto de Manica em especial, onde os ultimos acontecimentos

tornaram innadiavel esta resolução. Foi com verdadeiro enthusiasmo que o paiz re-Poi com verdadeiro enthusiasmo que o paiz re-cebeu a noticia de que se ia organisar aquella ex-pedição, e foi com o mesmo enthusiasmo que Lis-boa assistiu á sua partida, acordando na alma po-pular os brios d'outros tempos, em que d'esta mesma Lisboa partiam as frotas portuguezas que iam, em frageis caravellas, devassar mares «nunca d'antes navegados» d'antes navegados».

Foi assim que logo de manhã cedo o povo corria para a margem do rio, a vêr o embarque dos expedicionarios, que pouco a pouco se iam reunindo no Arsenal de Marinha, pois que a expedição não veiu debaixo de forma, mas á vontade, medida tomada superiormente, segundo parece, para evitar manifestações ruidosas

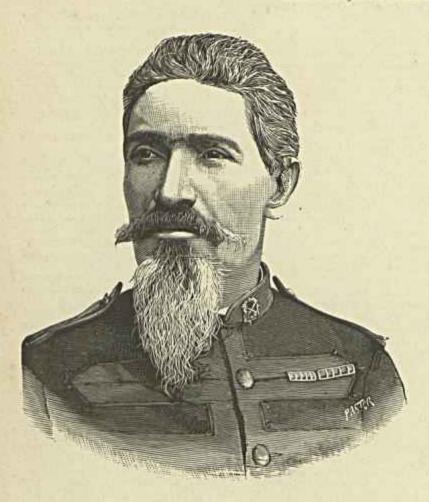
para evitar manifestações ruidosas.

Pelas 9 horas da manhã já as forças principiavam a embarcar em pequenos vapores e faluas
que as conduziam a bordo do Matange fundeado
a pouca distancia da ponte do Arsenal.

É este embarque o assumpto da gravura da pag.
21 feita sobre croquis tirados na occasião pelo
nosso collaborador artistico sr. Luciano Freire.

Um movimento constante de pequenos barcos crusava dos caes de embarque para bordo do Ma-

EXPEDIÇÃO MILITAR A MOCAMBIQUE



O CORONEL MANUEL D'AZEVEDO COUTINHO Commandante da Expedição



O CAPITÃO RENATO BAPTISTA Commandante das forças de engenheria



O CAPITAO PEREIRA D'ECA Commandante das forças d'artilheria



O CAPITÃO JOSÉ LUIZ CALDAS Commandante da secção de artilheria de montanha

lange, conduzindo milhares de pessoas que acompanhavam ao bota fora os expedicionarios.

Quando pelas 3 horas da tarde o Malange se póz
em marcha, um numeroso cortejo naval o acompanhou até á barra, composto da canhoneira Limpopo conduzindo o sr. Antonio Ennes ministro da
marinha, commandante geral da armada com o
seu estado de ajudantes e mais officiaes e a charanga dos marinheiros; o Lidador em que ia o sr.

superintendente do Arsenal e mais officiaes de marinha; o Victoria com a Sociedade de Geographia e imprensa; o Conductor com a Sociedade da Gruz Vermelha; o D. Amelia com socios da Liga Liberal: o Guadiana, o Progresso, o Lusitamia e outros com muitas pessoas em que as damas tomayam bos parte.

tomavam boa parte.

O vapor Victoria foi o que mais se aproximou do Malange, e de seu bordo foi uma deputação

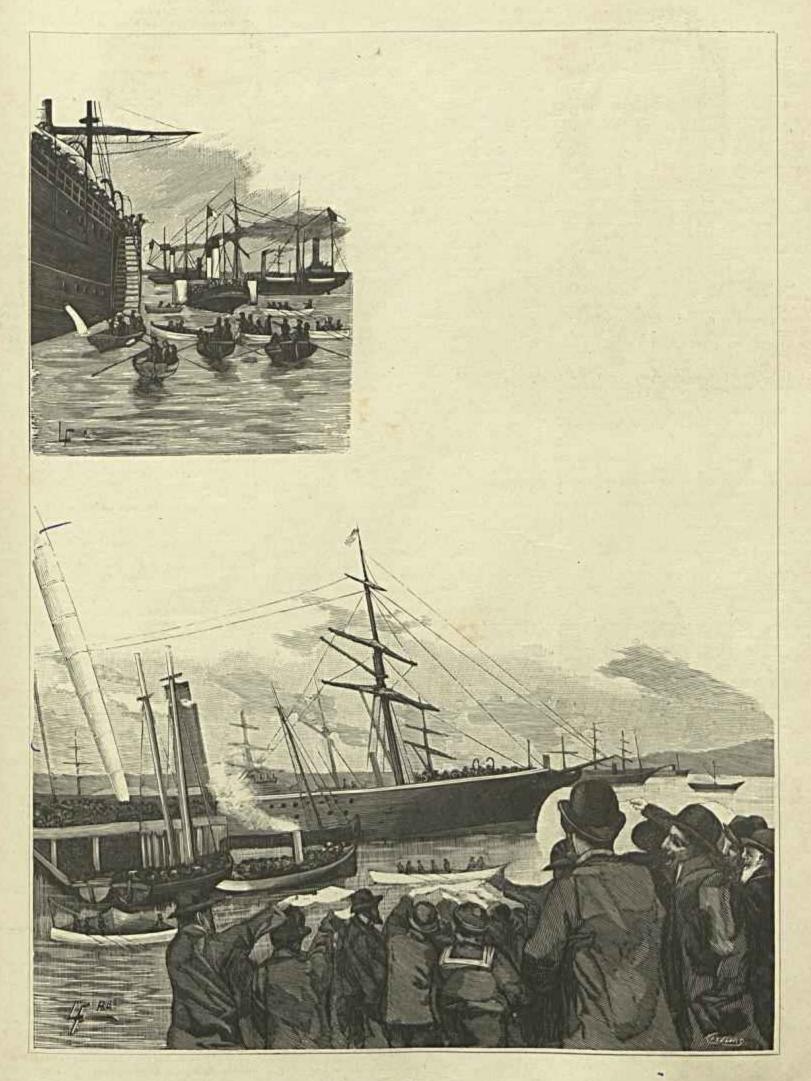
da Sociedade de Geographia dar a boa partida á expedição, na pessoa do seu commandante o coronel Manuel d'Azevedo Coutinho.

Então o sr. general Cunha, presidente da Sociedade dirigiu-se ao commandante da expedição nos seguintes termos:

«Commandante. «Na pessoa de v. ex.» a Sociedade de Geogra-

O OCCIDENTE

EXPEDIÇÃO MILITAR A MOÇAMBIQUE



EMBARQUE DA EXPEDIÇÃO — 15 DE JANEIRO DE 1891 (Desenho de L. Freire)

phia abraça o corpo expedicionario a Mocambique, e reitera com a homenagem da sua solida-riedade nacional, os votos que faz, e que são, certamente, os que mais se conformam com a cons-

ciencia e com a vontade do soldado portuguez, de que elle possa bem merecer da patria.

«Partis á voz do Dever e da Honra.

«Em vos a Força é Direito, porque comvosco vae a justiça e a razão d'um povo honrado, que não trahe a civilisação pela cubica, e a causa santa da redempção africana pela mentira e pela extorção da Aventura Flibusteira. "Representaes a Legalidade armada, a Paz com

honra, a Lealdade com força para ser mantida e

para ser respettada.

22

*Assim vos comprehendemos e assim vos abracamos, certos de que, na volta, poderemos, como agora, dizer-vos: - Viva o Corpo Expedicionario a Moçambique !»

A esta allocução respondeu o sr. Azevedo Coutinho agradecendo commovido aquella manifestação da Sociedade de Geographia e declarando os altos sentimentos patrioticos que o anima-vam a elle e a todos os expedicionarios para bem

servirem a patria.

Eguaes manifestações tambem foram feitas pelos estudantes e pela imprensa e durante toda a viagem até a barra um coro de saudações acompanhou o Malange, como outros tantos applausos da patria a animar os que por ella d'ella se apartavam para irem defender longes plainos portuguezes.

A officialidade que seguiu n'esta parte da ex-

pedicção é a seguinte:

Coronel commandante, Azevedo Coutinho; ad-juntos ao commando, capitães Sousa Machado e Fausto Guedes, todos de infanteria; ajudante, D. Jorge de Mello, tenente de cavallaria.

De engenheria: capitão, Renato Baptista; tenen-Veiga da Cunha, alferes, Rodrigues Nogueira

e Alvares.

De artilheria de guarnição: capitão Pereira d'Eça; primeiros tenentes, Pereira da Cunha, Viei-ra da Rocha e Sousa Miranda.

De artilheria de montanha: capitão, Caldas; primeiros tenentes, Cabral Sacadura, Martins de Azevedo e Baptista Coelho; veterinario, Frederico Silveira; tenente almoxarife, Henrique dos

Facultativos navaes: Rolão Preto (chefe do serviço medico). Leopoldino Gonçalves, Castiço Loureiro e Rodrigues Braga

Pharmaceutico, Cori êa de Mesquita.
Administração militar: capitão sem prejuizo,
Palermo de Oliveira; tenente, Sousa taldas; alferes, Manuel Mauricio e Philippe da Veiga; tenente, Julio Borges, e alferes Silva Cruz, de infanteria, commandantes ria, commandantes das secções de quarteis. Ao todo, 29 officiaes.

Juntemos aqui algumas notas biographicas dos commandantes das differentes secções para acom-panhar os seus retratos que publicamos a pagi-

nas 20.

Manuel de Azevedo Coutinho, coronel com-mandante da expedição é um official com longo tirocinio no continente e no ultramar.

Pertence a uma illustre familia que tem dado valorosos defensores à patria, tanto no exercito de terra como na armada, contando actualmente tres distinctos officiaes na marinha, um que está em Africa, outro, o sr. Pedro de Azevedo Coutinho, commandante da canhoneira Limpopo em viagem para Moçambique, e João de Azevedo Coutinho o heroe do Chire ha pouco chegado a Pertence a uma illustre familia que tem dado Lisbon.

Manuel d'Azevedo Coutinho foi alumno do collegio militar e depois da escóla do exercito onde

seguio o curso de infanteria,

Uma das suas primeiras commissões mais im-portantes, foi em Macau, onde o governador sr. José Horta o nomeou commandante da artilheria d'aquella possessão e material de guerra.

Com a sua energia e bravura ajudou a dominar

a sublevação da tropa que ali houve, sendo coro-nel o sr. Almeida Barbosa.

Por este relevante serviço propôz o governador de Macau ao governo da metropole, para que fosse dada alguma recompensa honorifica ao coronel Almeida Barbosa e ao capitão Azevedo Coutinho, o governo, porém só premiou Almeida Barbosa e esqueceu-se de Azevedo Coutinho, cuja modestia lhe não permittio reclamar contra este esquecimento.

Cooperou intelligentemente com o sr. conde de S. Janunrio, quando governador de Macau,

na escolha de armamento e artilheria para defeza da mesma possessão, dirigindo também a montagem das peças, o que apresentava difficuldade por ser pouco conhecido ainda o systema das mesmas e não ser elle official d'aquella arma.

Entretanto o modo como se desempenhou va-

leu-lhe o elogio official.

Este illustre militar prestou tambem serviço na India e nos Açores, e é no posto de coronel com-mandante de infanteria n.º 1, que foi para Africa commandando a Expedição militar a Moçambi-

JOAQUIM RENATO DESCARTES BAPTISTA CAPITÃO de engenheria e commandante do contingente d'esta arma é um dos mais illustrados officiaes do exercito precedido de um curso brilhante, que desde o principio da sua carreira militar o indigi-

Nasceu em Lisboa a 5 de outubro de 1855 e sentou praça em cacadores n.º 2 em 29 de julho de 1873, sendo promovido a alferes alumno de artilheria em 19 de agosto de 1874, seguindo os postos até o de capitão de engenheria, em que foi despachado a 30 de outubro de 1884.

Entre as suas commissões mais importantes encontramos a da direcção das obras do parque de

contramos a da direcção das obras do parque de engenheria em Tancos; direcção das obras do quartel de artilheria n.º 4 em Santa Clara; a de ajudante da escóla pratica de Tancos; e a de ajudante de campo do general commandante de enganheria de amportos de commandante de enganheria de amportos de commandante. genheria, desempenhando ainda com esta com-missão a de estudar o plano de reconstrucção do quartel de engenheria e a de fazer o regulamento de instrucção das tropas da sua arma.

Em 1886 foi a França commissionado pelo go-verno para estudar os ultimos progressos da arma de engenheria, e d'esta commissão deu conta em

desenvolvido relatorio.

Em 1889 nomeado vogal da commissão encar-regada de apresentar os projectos para quarteis

typos do exercito Ultimamente foi nomeado lente substituto de uma das cadeiras de construcção da Escola do Exercito, logar que não chegou a desempenhar por ter sido suspensa a lei de reforma d'esta es-

cola.

E sob a sua direcção que desde 1882, se publica a excellente Revista das Sciencias Militares sendo um dos mais assiduos collaboradores d'esta publicação, com varios estudos muito apreciados.

As bellas lettras tambem lhe tem merecido culto e entre os seus trabalhos litterarios mencionare-mos uma traducção para francez da Morgadinha de Valflor de Pinheiro Chagas.

São estas as principaes notas da sua vida que socintamente escrevemos e a que apenas nos falta acrescentar as distincções offi iaes que lhe tem sido conferidas pelos seus bons servicos.

São ellas o habito de Christo e de S. Thiago, medalha de prata de comportamento exemplar, e o grau de Cavalleiro da Legião de Honra.

Antonio Julio da Costa Pereira d'Eça capitão de artilheria, pertence a uma familia distincta e sentou praça em artilheria a 22 de julho de 1869, tendo 17 annos de edade.

Foi estudante do Collegio Militar e concluio depois o curso da sua arma com muita distinc-

Tendo feito mais serviço de fileira que de se-cretaria conhece perfeitamente aquelle serviço, tendo-se desempenhado sempre com distincção de outras commissões que lhe tem sido encarre-

Fm 1879 era tenente e em 1884 elevado ao pos-to de capitão para artilheria n.º 4.

A sua illustração e provados conhecimentos superiores da sua arma, indicaram-o naturalmente para a importante commissão de serviço que foi agora chamado a desempenhar.

José Luiz Caldas capitão de artilheria sentou praça em 5 de julho de 1877 tendo 27 annos de idade.

Em 1880 foi promovido a 2 º tenente e em 1882 a 1.º tenente. Em 16 de fevereiro de 1887 promo-vido a capitão, posto em que vae commandando a bateria de artilheria de montanha.

É um distincto official da sua arma e é esta a commissão mais importante de que é encarre-

ILLUSÃO OPTICA

As illusões opticas fornecem uma grande variedade de phenomenos divertidissimos tal como o

que hoje apresentamos aos nossos leitores. Veja-se a figura i representada por uma tira de papel pintada n'um tom graduado d'esde o

preto até ao branco, a qual deverá ser collocada n'uma distancia não inferior a 3 metros da vista do espectador. Essa tira immediatamente apre-sentará á vista a forma de um cone truncado e para reconhecer esta illusão optica se collocará sobre uma outra tira um pouco mais larga, pinta-da do mesmo modo mas collocada inversamente e logo se reconhecerá que a tira não é senão um rectangulo alongado.

O PROPERTY NOTAS DA CAPITAL

UM CEGO

Quando entrei na egreja, o sol afundira-se n'um empastamento humido de nuvens negras. Espalhara-se momentaneamente uma obscuridade den-

sa que pesava a comprimir o ar, caricioso como uma dissolução de velludo pardo.

As pedras das ruas pareciam sobresair mais, em branco, da côr sombria da terra, que as calçava, como se aquella luctuosidade etherea lhes pozes-se novos reflexos nos crystaes bassados pela fricção do movimento populoso que ia esmorecendo, aos poucos, talvez illudido pela crepusculisação extemporanea do dia.

No perystillo da egreja, um cego estendia a mão descarnada e tremula, de veias salientes, a pelle laivada de amarello, os dedos curvos a completar a concavidade palmar, e as unhas negras, compri-

das, asselvajando a em aspectos de garra.

Olhei-lhe para a fronte. Era um velho de grandes barbas brancas, estendidas ao longo do peito abatido. A cabelleira branca, ennovelando-se em redor do craneo até ao pescoco, deixava-lhe qua-si a nú a parte superior da cabeça onde tremiam subtilmente, n'um vermelho espelhoso da calva, um pequeno numero de fios brancos. Não era magro, e a sua testa larga, amplissima, cortada de rugas, tinha alguma coisa de superior, que me impressionou.

E por mais de um momento fiquel a olhar aquelle velho que revolvia o olhar inexpressivo, convulsamente, nas orbitas dilatadas talvez por um esforço louco de conhecer distinctamente tu-do o que havia perto, tudo o que todos viam.

Lancei lhe uma moeda sobre a mão ordinal-mente estendida que se não moveu, conservando impassivelmente a mesma posição, não sentindo talvez o contacto d'aquelle dinheiro que acompa-nhava lentamente o tremulo agitante dos seus

membros.

Oh, mas elle sentira tudo, porque agora os seus dedos crispavam-se no disco do metal, tacteando o machinalmente, de rosto inalteravel, immo-vel, como se aquella mão pertencesse e um outro corpo, como se aquella physionomia houvesse congelado a um bafejo rapido de um passado re-cordativo. cordativo...

Porque eu adivinhava tudo o que se passava n'aquelle cerebro, via todo o vôo rapido da sua mocidade estridorosa por sobre paysagens de ideaes que a primeira invernia ensopou em lodo; via tudo, porque tudo na sua physionomia tinha letras fulvas que eu só lia, illuminado não sei porque impressão febril, agridoce, que me fazia sen-tir com elle, que me fazia imitar-lhe os movimentos, porque eu quedava-me absorto, tambem de mão estendida, como se estivesse ainda a entregar-lhe a esmola.

E quanto mais o fitava, mais me sentia attrahido para elle, como se o conhecesse de ha muito...

E foi depois de um longo silencio, que o cego, alongando um olhar indifferente no vacuo, mur-

- Obrigado !

Entrei na egreja, deserta quasi. O escuro tenebroso das abobadas, lá no alto, tinha murmura-ções de psalmodias extranhas ao fulgor amarellento das velas dos altares. Tres vultos isolavamse no pavimento, joelhos no chão, os rostos co-bertos, como todo o corpo, de um negro de veus, onde apenas as mãos, segurando o livro de orações, punham uma nota viva de branco. Subi si-lenciosamente a nave da egreja onde o clarão do dia triste quasi não penetrava.

N'uma tela biblica, onde incidia fracamente a luz de uma lampada, pareceu-me ver ainda a physionomia do velho cego... E, caso singular, aquelle retrato trouxe-me à memoria um outro que eu vira, em creança, na tristeza pesada de um salão medievo, longe, n'um sitio onde ficava a luminosidade de um bello passado.

E então pensei tambem que esse velho seria um espectro que se consubstanciasse no retrato que eu agora entrevia nitidamente, pela nesga que o meu espirito abrira n'um ceu longiquo de infancia; um espectro que me seguia para ver na creança que outr'ora o temia chamando-lhe avô, a forma-ção lenta do homem; fazendo-se mendigo para sondar toda a profundidade luminosa da minha alma; duplicando-se na tola da erreia para ver alma; duplicando-se na tela da egreja para ver com os olhos de panno pintado, os meus menores movimentos, a minha sinceridade de oblação ...

E estava certo que aquelles olhos sem expres-são, quasi indivisaveis à luz frouxa da lampada, me obrigariam a respeitar a sua velha crença, se eu risse das imagens sacras; me obrigariam a do-brar os joelhos, se eu fosse um agnyclito rude, in-transigente e forte — Eram, com certeza, o des-dobrar de la companya dobramento de um só espectro — o cego, e o ve-

lho da tela biblica!...
Eu sentia-o bem. Lembrava-me absolutamente que o velho retrato do meu avô, tinha aquelle olhar laminado no mesmo aço da espada que esgrimira; aquelle olhar de tela, frio e mexpressivo, mas com toda a rutilação epica de um astro que sa appara de que se apaga deixando sempre um crepusculo radioso e immortal...

Fóra chovia. Nos vitraes da egreja, gottas de chuva abriam traços de transparencia humida no fundo embaciado dos vidros.

Pela porta, so fundo, entrava uma corrente de ar frio que agitava de brando, as sedas dos altares e a chamma dos candelabros. A egreja obscurecera quasi totalmente, e a luz que n'ella havia, afundindo se na treva das grandes architecturas petrificadas em pegro, parecia apenas umas nopetrificadas em negro, parecia apenas umas no-doas vacillantes de amarello vivido Estava lugubre, aquillo. Pairava ali alguma coisa de mys rioso soturno, como se uma noite enorme de in-verno, enorme e obscurissima, fosse enfornada inteiramente, compactamente, egual a uma massa de breu, entre aquellas paredes gigantes, em aquelle vacuo cortado de somnolentas arcarias.

De subito uns passos deseguães e pesados soa-ram no lagedo da egreja. Olhei persistentemente o fundo, e um vulto negro, vacillante, esfuriava-se na dubia claridade que vinha da porta. Julguei reconhecer o velho mendigo, o cego do pervetillo a machinalmente o men olhar dirigiu-se

perystillo, e machinalmente o meu olhar dirigiu-se para a tella biblica: — queria ver as duas formas do aspecto face a face! — A luz da lampada que illuminava a tella, apagnava-se n'aquelle momento, com a lentidão frouxa de um gemido que se suffoca.

com a lentidão frouxa de um gemido que se suffoca, e eu não pude já ver o velho biblico.

Esta nota coincidente, impressionou me, e tive
então como certa, aquella visão espectral do retrato de familia. Pensava ainda n'isto, quando
uma mão se pousou, tremula, como tacteando,
sobre um dos meus braços...

Voltei-me; era o cego, que caminhando ao longo da parede a que eu me encostara, havia topado no meu corpo. Não failou nem pareceu impressionar-se; tirou a mão do meu braço, e ficando um momento immovel, isolado, como naufrado um momento immovel, isolado, como naufra-go n'aquelle Vago, dobrou lentamente as pernas e ajoelhou.

Fora era noite. Continuava a chuva. Pelos vi-traes entravam, de quando em quando, brilhos rapidos de relampagos. Adivinhava-se uma treva enorme na mudez que rodeava a egreja. Eu, que ajoelhara tambem ao lado do cego, authomatamente mente, procurava escutar-lhe as orações com avi-dez febril, e repetia todos os monosyllabos inco-

dez tebril, e repetia todos os monosynados inco herentes que a minha audição apurava. De subito um relampago vivissimo, demorado, illuminou todo o templo, e eu, repetindo ainda as ultimas palavras do cego, vi o velho da tella bibli-ca a sorrir-me pavorosamente, myste iosamente...

D. João de Castro.

HISTORIA DO CERCO DE DIU

POR LOPO DE SOUSA COUTINHO

(Continuado do numero 434)

П

Na margem do folio 67 do exemplar d'esta Historia do Cerco de Diu, hoje pertencente à Bi-bliotheca Nacional de Lisboa, um dos seus an-tigos possuidores, de cujas mãos elle passou às do conhecido bibliophilo Thomaz Norton e d'ahi veiu a figurar pas estantes da Bibliotheca, Rodriveiu a figurar nas estantes da Bibliotheca, Rodrigo da Fonseca Magalhães, escreveu as seguintes interessantes palavras, confissão contrita de pec-cado, de que tambem elle sabia que o podiam accusar as gerações futuras. Eil-as:

- « Lopo escreveu, e, quando ferido, notou o que havia de escrever, e nós, os deffensores da cidade do Porto, gastamos os annos, os mezes, os

cidade do Porto, gastamos os annos, os mezes, os dias e as horas em miseraveis políticas, e os nossos vindoiros ficarão sem saber o que fizemos pela liberdade do nosso paiz la Estas palavras, tão verdadeiras como tristes, disse as o celebre estadista no plural, e desde 1834, fim das lutas a que elle se refere, até hoje, poucos, rarissimos dos corypheus da grande revolução liberal, podem inscrever o seu nome, protestando contra a terrivel accusação do criminoso tando contra a terrivel accusação do criminoso silencio, que guardaram sobre a sua vida e feitos durante esse agitado, tormentoso e sanguinolento periodo. E não só sobre elles peza essa respon-sabilidade, recae, talvez mais tremenda, sobre os santidade, recae, taivez mais tremenda, sobre os seus herdeiros, hoje illustres por esses, que lhes legaram, a uns o nome aureolado pela corôa vermelha dos martyres do cadafalso e da fogueira, a outros resplendente com o nimbo das victorias, a outros, finalmente, com a fortuna e a opulencia nova, não herdada dos antepassados.

Que nunca tivemos, que nunca cultivámos o genero narrativo das Memorias, tão abundante, tão curioso e interessante, na litteratura franceza, tão característico e de tanto auxilio para os que escrevem e estudam a sua historia, é certo; que ninguem pode obrigar o estadista, o general, o tribuno, o jornalista, a pezada e grave tarefa de escrever, para os vindoiros, a historia do seu tempo e do papel que n'elle representou, quando o espirito cançado, o coração terido pelos embates das paixões tumultuosas, mais anceia, ás vezes, esquecer esses dias, essas luctas, esses desastres, e até mesmo as proprias victorias, ganhas com crueis sacrificios, tambem é innegavel, — mas ha sempre umas memorias que ficam, uma obra que sempre umas memorias que ficam, uma obra que se escreveu folha a folha, día a día — é a correspondencia, e essa releva na verdade a todas as Memorias, porque n'esses documentos surprehende-se a vida, o sentimento, vê-se a mão serena ou convulsa que os escreveu, o affecto, o interesse que os dictou. O que nas Memorias é calculado, meditado a frio, foi espontaneo e do primeiro jacto na carta escripta para o momento e que nunca, por mais cauteloso que seja o espirito. que nunca, por mais cauteloso que seja o espirito. poderá ter as guardas, os reparos, as reservas e os desvios, com que, no silencio do gabinete, iso-lado do presente e com os olhos no futuro, escre-vem as suas confidencias os grandes homens. Têm as Memorias maior interesse dramatico, costeiam mais de perto a historia; mas, por isso que são mais feitas, tem mais arte e tambem mais artificio; as cartas não, que são apenas a substituição da palavra, e foi a epistola, a missiva, aonde não poude ir o homem.

poude ir o homem.

Que immensa luz derramaria sobre a historia moderna do nosso paiz a correspondencia de Fernandes Thomaz, de Mousinho da Silveira, de Passos Manoel, do duque de Saldanha, do marquez de Thomar, de Joaquim Antonio d'Aguiar, de Rodrigo da Fonseca Magalhães, de José Estevão, n'uma palavra, dos vultos mais notaveis da política e da guerra desde 1820 até aos nossos dias, sem esquecer as dos heroes das lettras, a correspondencia de Garrett, de Herculano e de Castilho, onde elles trataram das altas questões Castilho, onde elles trataram das altas questões litterarias ou dos grandes interesses da sociedade contemporanea! Quantas lições ahi se nos deparariam de bem sentir, de bem pensar e de bem escrever, que tão necessarias são todas ellas n'estes anarchicos e desvairados tempos, que vão cor-

rendo!

Zacharias d'Aca.

SCENAS BURGUEZAS

IV

UM JANTAR BURGUEZ

(Continuado do numero 434)

Hesitava em ir ter com o Mario, ou em acompanhar as senhoras e o tio Florencio que lá lhes tornava a digestão agradavel com os seus ditos. Mas sentia pruridos de expansividade n'um largo Mas sentia proridos de expansividade in an la go anceio de confidencias a pessoa amiga, ao Mario principalmente Além d'isso, Anna de Athayde, tomara de tal modo a primasia na discussão, ao café, que ella Ema, a sua verdadeira, unica amiga de Mario pensava, mal tivera tempo para o vêr

quanto mais para lhe fallar. Tinha velleidades de lhe dizer muita cousa, tudo talvez.

E sorria tomavam-n'a tentações... e revolta-va-se contra o que sentia... tinha-lhe zanga... — Pobre Mario 1 Para que havia de estar a responder, a fallar

com tanto calor com uma mulher que decerto o não apreciava, que o não saberia estimar, como a Ema. Sim, ella gostava d'elle, mas como irmão. E levava á testa as mãosinhas, n'um movimento

sacudido, como para affastar algum pensamento que a contrariasse.

De repente toma uma resolução ; n'um passo pressado dirige-se para a janella em que estava Mario Guerreiro.

— Mal sabes tu em que eu estava a

agora? Responde a uma pergunta mental — sim

Elle affastou-se, surprezo, da janella, olhou distrahido para a cadeira em que estava sentado o conselheiro Simões que entretinha um cavaco intimo muito papagueado com a Gina, e começou a fitar a Ema n'um tom apprehensivo, quasi serio; depois entre benevolente e triste, simulando de manda estado en capacida en capa lando um bocejo, respondeu sorrindo:

 Por certo que não.
 Tomou-lhe com meiguice paternal as mãos e puchou-a para si levando-a para a janella. Ema murmurou confusa :

- Tolices, era tolices, não faças caso.

Lá fóra a tarde continuava n'uma transparencia suavemente fumada, muito clara; ao longe o Tejo, o soberano da Europa favorecido pelos poetas, faiscava na sua superficie myriades de luzinhas brandas; o Azul da abobada ideal ia desbotando, e, exactamente defronte da janella onde se achava o Guerreiro, stratus côr de roza esbatiam em branco-leite, alongando-se em farrapos para o oeste, espalhando na casa uma claridade

A Emasita fora á salla levar a pequenita Gina, porque o conselheiro fora vêr, ouvir, estas queri-das senhoras, como elle dizia.

Mario estava só. Pensava que lhe chamavam or-gulhoso, que até diziam ; — É muito altivo ; nunca ha de ser nada. Quem

é pobre não tem orgulhos. Vivia só. Não tinha pae nem mãe ; nem as santas caricias d'esta, nem os conselhos d'aquelle. Não tinha mãe...

Esse alguem que prefere ao namorado cantar das aves munha rude voz...

como disse o nosso saudoso Gonçalves Crespo. N'um grande abandono de si mesmo, sem odiar era indifferente a tudo. Só aquella creança acordaria n'elle um sentimento de res-peitosa admiração em que havia o mysticismo d'esse adoravel amor que só as mães inspiram aos filhos. Amava muito a Ema, é certo, mas não via n'ella a Mulher, amava-a muito porque pen-sava vêr na Ema a alma de sua propria mãe.

— Como é bom ter um ente que nos conheça

e ame...

De repente, um sôpro leve perfumado como o De repente, um sopro leve perlumado como o halito das mães, perpassou-lhe na nucca... e sentio sobre as palpebras o pezo brando de mãos frescas, macias, pequeninas; e pelas narinas penetrava-lhe o odor di femina, um composto de rendas, carnes brandas, sedas e bretanhas...

— Bem sei... é a martyrsinha pelo muito que

quer a todos, murmurou elle n'um fremito jubiloso que lhe correu toda a medula.

 Adivinhou...

Era a Ema; ella gostava, ás vezes de o tratar
por senhor para o que aproveitava uma seriedade muito comica.

- Esperei que todos estivessem entretidos, para fallar comtigo; disse Ema, descendo as palpebras sob a radiação da luz que colloria as nuvens côr de fogo, insustentavel | Chegara-se muito a elle

hombro com hombro.

Mario observava-a com muito interesse, acostu mara-se á ideia de não tornar a vêl-a, assim, tão

viva, depois da pavorosa doença a que assistira.

... E ella talvez impressionada pelo que vira entre Anna de Athayde e Mario, começou, sem entre Anna de Athayde e Mario, começou, sem indicar nomes, contando uma serie de ingratidões que praticavam, de injustiças que commettiam para com ella, as amigas, os parentes.

E, de pé, muito direita, em grande animação de rosto, com os dentinhos cerrados, levantava a cabeça, e, estendia os braços, n'um esticão nervoso:

— At! credo! não imaginas! tomára que não me caustiquem mais! exclamava contra tudo que a fazia padecer.

a fazia padecer.

entaram-se.

Elle muito apprehensivo, affectando não ouvir a voz de Anna de Athayde que dizia na salla contigua:

 Não digam isso, Mario so gosta da mulher porque ella e... creança !
 Ema tocava os seus joelhos nos d'elle, descançava lhe no hombros as mãos. Puzera na voz um tom mal accordado que depois se definio n'uma grande energia.

- Não me comprehendem. Só tu é que me conheces! Tu é que me conheces hem! va na sua insistencia de incomprehendida, e lar-gando-lhe os hombros tomava-lhe as mãos nervosamente para as collocar no regaço; e desen-volvia uma grande locacidade contando factos, lembrando circumstancias, adduzindo particularidades; fitando-o umas vezes muito zangada, outras triste, sempre muito harmonica, implorando a approvação d'elle

Não é verdade Mario? - tu é que sabes

como foi.

Elle muito condescendente meneava a cabeça,

n'um gesto pesado, e resolvia :

— Minha querida, és mesmo uma martyr! Ella baixava os olhos como não se achando merecedora, murmurava abanando a cabeça :

Não me conhecem, não me conhecem...

D'um modo penetrante apertava muito as mãos de Mario, e recuando os cantinhos da bocca re-vellava um grande desgosto da vida assim mos-trava na face avelludada duas tentadoras covitas, os olhos muito escuros e curiosos, cerravam-se, como que resignadamente esperando uma catastrophe inevitavel; a testa purissima muito liza, illuminava-se pelos cambiantes dos cabellos n'ella revoltas, dourados pela luz de tons vermelhos que

o sol punha no cahir da tarde.
Havia uma quietação, na verdura dos campos e na athmosphera, que mais approximava o espirito de Mario do de Ema.
Ema sentia as mãos d'elle penetrarem com um

calor picante a epiderme das suas; e, começava de sentir-se hypnotisada, por certa lassidão; es-tendia os pesinhos muito juntos mostrando os, inadvertidamente; —então tornava muito saliente, sob o vestido browon de guarnições pretas d'uma simplicidade ingleza, toda a esculptura do seu de-

simplicidade ingleza, toda a esculptura do seu delicioso corpo de mulher-creança.

Mario estava n'esse momento singular, em que
parecemos viver da vida d'outro ente pela certeza que temos de ser o nosso gozo, apenas uma
reflexão do que aquelle goza... E, pela mente
perpassavam-lhe ideias diabólicas; parecia-lhe impossivel ainda, vêl a assim, tão viva; sentia-se
quente, vigoroso.

Estavam sós, finalmente. N'ella uma grande
confiança por elle; e no Mario o desejo natural,
indomavel, principiava de manifestar-se; é que a
sensibilidade justificada pelo gozo ia já adormecendo a razão.

cendo a razão.

Ema, confiando tudo de Mario, não vendo no seu silencio senão um alhêamento, uma tristeza de quem vive

« como vive quem não vive « com quem deseja viver »

quiz accordal-o d'aquella morbidez, com uma d'essas meiguices de que, ella sabia, elle tão gratamente gostava... Desceu-lhe a mão pela testa, posou-a n'uma das fontes, onde o filete motor do frontal, latejava excessivamente agitado.

— Como tens estas veias sahidas! extranhou.

— E um musculo, indicador de attenção fixa; respondeu; e, interessando se muito, explicou o caso physiologicamente.

Esta martyrsinha tipho por alla saidades quito

caso physiologicamente.

Esta martyrsinha tinha por elle cuidados muito sympathicos; punha-lhe o chapeu na cabeça quando elle sahia para a rua; fazia-lhe o laço no pescoço, com o cache-nez que elle usava de seda colonial azul e cinzento; sentia-se muito curiosa de tudo que era d'elle: a carteira... os papeis... Se fosse homem — desejava ser assim.

A pequena Carrilho, como lhe chamavam as amigas intimas, vangloriava-se de curvar aquelle indomavel; encostava a sua face fresca e avellu-

indomavel; encostava a sua face fresca e avellu-dada, como as petalas d'uma roza Malesherbe, à d'elle nervosa, mascula, quente; aprazia-lhe confundir, o seu cabello que tinha a macieza do pekia, com o d'elle forte, escuro, muito resistente ao contacto da sua mão curiosa.

Manuel Barradas.



Está satisfeita em parte uma das interrogações que se levantava no espirito publico, sobre quan-

do e como sahiria a expedição militar a Moçambique, interrogação que se não se fazia publicamen-te, nem por isso deixava de existir no intimo do mesmo espirito publico, inmiamente ingredolo na sua propria força, effeito natural da desconsolez em que vive por tanto lhe diserem que não pres-

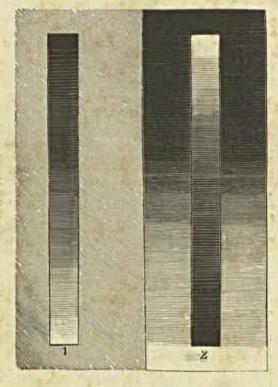
ta para nada.

E só assim se explica o espanto, o assombro que produzio no bom publico, aquelle punhado de homens que, no cumprimento d'um dever, se foram a defender terras que os portuguezes d'outras épo-cas, por simples espirito d'aventura se foram a des-cubrir, atravez dos maiores perigos, principiando pelas frageis caravellas em que se transportavam. Como os tempos vão mudados e como esta po-

bre humanidade vae estando cada vez mais fraca.

E entretanto o que se fez agora com o espanto e admiração das gentes, já se devia ter feito ha muito, pelo menos logo em seguida á conferencia de Berlim, que afinal cremos não se ter reunido para outra cousa mais, que dar o livre direito de cada qual se apossar em Africa do que não tivesse outro dono alem do africano.

Ora Portugal que se considerava dono da maior parte da Africa pelos seus direitos de descoberta, direitos que as potencias se não mostravam dispostas a respeitar, deixou-se ficar na doce tran-quilidade d'um bemaventurado, em vez de tratar de occupar melitarmente os territorios que lhe con-



ILLUSÃO OPTICA

vinham e até onde as suas forças chegassem, primeiro passo para a garantia da propriedade — e estabelecer uma forte corrente de emigração que fosse desenvolver e dar força à mesma propriedade.

Se assim se tivesse procedido immediatamente, não se teria dado folgo a outros occuparem o nos-so logar, — para maior irrisão com a nossa ajuda — e não nos veriamos hoje a braços com essa grave questão tão dolorosa para o nosso orgalho nacional quanto precaria para a nossa vida econo-

Ahi tem como as coisas mais naturaes d'este mundo podem produzir tamanho espanto. Ahi tem como o paiz que quer ter colonias, que as deve ter, como o paiz que quer ter colonias, que as deve ter, que as precisa ter, não talla em outra cousa ha dois mezes que na expedição que vae partir, que partir, que jantou aqui, que almoçou acolá, que leva laços azues, que vão de muito boa vontade, pelo seu pé, depois de terem passado as festas do Natal e a dos Reis com as familias, e taes ditos e exclamações, capazes de profanar com o rediculo a seriedade, a hombridade d'esses portuguezes que partiram po cumprimento d'um dever. partiram no cumprimento d'um dever.

É este o primeiro acto patriotico e pratico que se tem produzido depois do ultimatum de 11 de janeiro de 1870; que não seja o ultimo e estará salva a nossa honra, rehabilitado o nosso credito, porque teremos entrado n'uma vida mais salutar e menos enervante, em que nem so um talhersinho á mesa do orçamento seja a suprema aspira-ção de tantos espíritos doentios.

Calculae bem se essas sommas dispend das em alimentar esse exaggerado estado maior do funccionalismo official com todas as commissões ima-ginaveis criadas por outros tantos ministerios que Deus haja, se empregassem em fomentar por todos os modos o desenvolvimento das nossas colo-nias, digam nos se os nossos dominios em Africa seriam apenas in nomine e se outras nações veriam apenas n'el-les outros tantos paizes abandonados. Como não offereceriam essas colonias vasto

campo para o desenvolvimento da nossa activida-

de e riqueza.

Como esse funccionalismo acumulado nas nossas secretarias, não poderia prestar bons serviços na administração d'essas coloniss, onde ha comarcas maiores que Portugal com funccionarios que acumulam os mais extranhos officios e isto onde os ha.

Como a boa administração d'essas colonias seria a priecipal garantia para a emigração e colo-nisação das mesmas.

E como tudo isto não seria mais pratico e util do que essas miseraveis questões de política de campanario com que se tem desacreditado as instituições, desmoralisado a sociedade portugueza, reduzindo a ás tristes condições de não acreditar em si propria.

Alguem poderá negar estas verdades? Não teremos sofrido ainda o bastante para que não nos convensamos de quanto errados temos andado.

Porque emitamos aqui tudo quanto vêmos lá por fora, porque não imitamos a administração com que os povos mais adiantados se governam?

Nos que temos tantos bens que elles nos cubi-

cam, porque os não aproveitemos, em vez de os pôrmos em risco de os perder /
Acordemos por uma vez, esfreguemos bem os olhos e libertem o-nos d'este torpor que nos enerva e já não será caso novo o destacar forças militares para as possessões um paiz que as tem ha quatro seculos

João Verdades.



Recebemos e agradecemos:

Finis Patriae. - Poemeto de guerra Junqueiro: dudicado á Mecidade das escolas, começa o poeta:

Na escuridão, ouvi ! ha sombras a fallar : É negra a terra, e negra a noite, é negro o luar.

E fallam nos onze Cantos as Choupanas de camponeçes, possilgas de operarios, casebres de pescadores, os hospitaes, as escolas em ruinas, as cadeias, condemnados, as fortalezas desmanteladas, os monumentos arrasadas, estatuas de heroes, uma vo; na treva.

Depois segue-se, a poesia especialmente dedicada A' mocidade das escolas, o conhecido Caçador Simão, e um fragmento do Portugal no Calvario sob o titulo de A'Inglaterra em bellos alexandrinos que salvam porfeitamente a crueza do canto VIII. no ultimo verso.

Finis Patriae é, como todas as producções de Guerra Junqueiro, uma nova prova do seu robusto talento accentuando mais do que nunca a sua ul-

tima preoccupação — a finilidade.

E' livro para fazer epocha pelo momento em que vem e pelo alvo que visa.

Agradecemos ao notavel poeta a delicadeza em affertar-nos o seu bello livro.



OCCIDENTE

Para 1891

10.0 ANNO DE PUBLICAÇÃO

Saiu a publico este almanach. Recebem-se encommendas na

EMPREZA DO OCCIDENTE LARGO DO POÇO NOVO — LISBOA.

Preço 200 réis-Pelo Correio 220 réis,

Adolpho, Modesto & C.3 - Impressores